

Cai cotação dos títulos no exterior

por Isabel Nogueira Batista
de São Paulo

Os títulos da dívida externa brasileira voltaram a registrar queda nos seus preços de negociação no mercado secundário, após terem sido cotados, no início da semana passada, em até 57% dos seus valores de face. Os depósitos do Banco Central (BC) foram negociados, ontem, a um valor médio de 55% sobre o valor de face dos papéis.

Esta queda nas cotações do papel brasileiro, na opinião do vice-presidente da área externa do Nederlandsche Middenstands-bank (NMB), no Brasil, Jordi Wiegerinck, é resultado das recentes "más notícias" quanto à não conclusão de um acordo de renegociação da dívida com os bancos credores, que permaneceu pendente, co-

mo também de um clima de certo "pessimismo" com relação ao terceiro leilão de conversão da dívida, que se realiza, hoje, na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro (BVRJ).

Segundo Wiegerinck, prever os resultados do leilão de hoje constitui-se numa tarefa difícil, dado que ninguém sabe estimar, ao certo, o volume de operações que será realizado e quantos projetos de investimento participarão da disputa pelos recursos a serem convertidos. Na sua avaliação, apesar de o mecanismo de conversão da dívida ser atraente, o atual momento de indefinição política vigente no País, consequência do quadro de incertezas criado pela Constituinte, coloca o potencial investidor externo num compasso de espera com relação a decisões de

investimento, o que poderá afetar, de alguma forma, o desempenho do leilão de hoje.

Para o representante do Standard Charter Merchant Bank, no País, Igor Cornelisen, ainda existe, por parte dos bancos internacionais, muita desconfiança com relação à América Latina. Por isso, quando os papéis brasileiros são cotados em alta no mercado secundário, a tendência dos bancos credores que desejam se desengajar do processo de endividamento do País é a de colocar seus títulos brasileiros a venda, o que acaba pressionando para baixo os preços destes papéis.

TENDÊNCIA DAS COTAÇÕES

Cornelisen acredita que as cotações da dívida brasileira deverão voltar a subir, nas próximas duas se-

manas, para valores em torno de 56,5 a 57% dos valores de face dos papéis, quando estiver concluído o atual período de "desova de estoques" daqueles bancos que buscam uma diminuição do seu envolvimento com a dívida brasileira. Cornelisen calcula que a demanda por papéis brasileiros será "muito alta", no mês de junho, pois serão amortizadas operações de empréstimo de bancos estrangeiros a bancos brasileiros no exterior (operações 63) e deverão ser aprovados, pelo BC, alguns projetos de conversão do primeiro leilão e da lista de pedidos referente à conversão dos depósitos no BC, congelados via Resolução nº 432 e Circular nº 23. Um possível acerto quanto à renegociação da dívida e a assinatura de uma carta de intenção com o Fundo

Monetário Internacional (FMI), na sua opinião, também poderão atuar como fatores altistas sobre as cotações do papel da dívida brasileira, no mercado secundário.

Para o vice-presidente da área externa do NMB, no entanto, a tendência de curto prazo da cotação dos títulos brasileiros é mais de baixa, não devendo passar, entretanto, do patamar de 52 a 53% dos valores de face dos papéis. Abaixo deste nível não haveria vendedores. Uma eventual intervenção do governo nos esquemas de conversão informal poderia, segundo Wiegerinck, pressionar as cotações para baixo, na medida em que reduziria a demanda de títulos por parte de investidores que vêm de países que têm uma política de investimento no exterior, como os Estados Unidos, que investem no Brasil, e que, hoje, a médio prazo, não compram títulos brasileiros. Na sua avaliação, Wiegerinck, na faixa dos 60% sobre o valor de face.

EXPECTATIVAS

Na opinião das instituições financeiras envolvidas com o processo de conversão da dívida via leilão, o deságio a ser verificado, hoje, na Bolsa de Valores do Rio, deverá ser menor do que o registrado no 2º leilão, que foi de 32% para a área não incentivada. Na avaliação de alguns analistas, o deságio do leilão da Bovespa poderia ter sido menor, na faixa dos 25%, caso não houvesse sido pu-

xado para cima por operações envolvendo grandes volumes de recursos.

Como depois do 1º leilão os preços dos títulos brasileiros subiram e o deságio do 2º leilão foi elevado, diminuiu o prêmio para o investidor, ou seja, reduziu-se a diferença entre o valor pago lá fora, na aquisição do título de crédito, e o valor em cruzados obtido, via conversão. O deságio deste 3º leilão vai depender, segundo os analistas, da necessidade imediata dos investidores em termos de recursos em cruzados para a realização de investimentos no País.

O sentimento geral é de que os investidores estão atuando de forma mais lenta em termos de opção de investimento no País, aguardando maior definição do quadro político, diante da perspectiva de atrasamento dos trabalhos da Constituinte. Neste caso, as decisões de investimento a serem tomadas, a longo prazo, poderão ser retardadas, o que poderá pressionar o deságio do leilão.

BOLSAS MINEIRAS
Expectativa com CMN retrai o mercado mineiro

por Teresa Cristina de Paula
de São Paulo

O mercado mineiro de